

De Caux à Casa Voltaire, em Genève

por Mário Soares

Regresso da Suíça depois de aí ter passado um fim de semana delicioso e produtivo, repleto de memórias e de ensinamentos. Primeiro no célebre Caux Palace, que festeja cem anos, suspenso na montanha, tendo em baixo, a seus pés, a pequena cidade de Montreaux, à beira do lago Léman, no extremo oposto a Genève. Um panorama surpreendente, sobre os Alpes e o Lago, cercado por árvores seculares, belíssimas, pelo silêncio e pela harmonia, que nos envolvem. Um quadro magnífico!

Fui a Caux a convite de Cornélio Sommaruga, ex-presidente da Cruz Vermelha Internacional, hoje membro activo da Fundação "Iniciativas e Mudança", proprietária do Palace da "belle époque", construído em 1905, por onde passou tudo o que contava na Europa, nesses tempos idílicos e de "joie de vivre" (na Europa, então o centro do Mundo) anteriores à I Guerra Mundial. Hoje, representa um conjunto austero, mas bem conservado, que pertenceu ao movimento protestante do "rearmamento moral" no pós I guerra mundial, acolheu prisioneiros e refugiados e agora pertence à Fundação "Iniciativas e Mudança", que aí realiza colóquios, conferências e encontros, em que participam pessoas de todas as idades e, sobretudo, jovens dos dois sexos (como aquele em que estive), vindos sobretudo dos países de leste, mas também da América, da Rússia, da Austrália e da China, com o objectivo de promover o diálogo entre diferentes gerações, culturas e religiões, entre crentes e não crentes, no respeito mútuo e na tolerância, com o objectivo de consolidar a paz e desenvolver a solidariedade entre os Povos.

O encontro deste ano teve como tema central: "Entre ideias e prática de vida: um fosso a preencher". E a conferência, para que me convidaram, seguida de longo debate, partindo da experiência portuguesa, intitulou-se: "Os ideais, a prática política e a responsabilidade dos políticos perante a comunidade a que pertencem".

Pelo meu lado, fiquei verdadeiramente encantado com o debate e as conversas que tive, especialmente com os jovens, sobretudo com os que pertencem aos países da Europa Central e Oriental e que têm, além da experiência traumática do comunismo, como referência a União Europeia. Perguntaram-me, angustiados, se a crise da Europa iria prolongar-se e não viria a dissolver o projecto político de paz e solidariedade, que a Constituição simboliza, para passar a ser um mero mercado alargado, sem valores morais nem regras, sob a influência nefasta da globalização neo-liberal, que todos abominam. Foi-me difícil tranquilizá-los, tanto mais que ainda então não conhecia os resultados do referendo do Luxemburgo - uma boa notícia em tempos sombrios (56,5% disseram sim à Constituição), que recompensa um político de fortes convicções, mas democrata-cristão dos antigos, o primeiro ministro luxemburguês, Jean-Claude Juncker.

No domingo de manhã, regressei a Lisboa, via Genève, obviamente. Uma cidade cosmopolita, de gente vinda de todos os continentes, repleta de instituições internacionais, onde avulta, num parque magnífico, o antigo palácio da Sociedade das Nações, hoje sede de vários serviços das Nações Unidas, como a Comissão para os Direitos do Homem. Num outro belo edifício de vidro - ultra moderno - está instalado o Alto Comissariado para os Refugiados. Entre tantas outras instituições internacionais, sediadas em Genève. Sempre gostei muito de Genève. Por ser uma cidade verdadeiramente tranquila, onde as pessoas coexistem e se respeitam, sejam quem forem, e onde a palavra paz está sempre inscrita e presente: nos hotéis, nos cafés, nas ruas, nos restaurantes...

Aproveitei o Domingo para flunar um pouco à beira do Lago Léman, com recantos lindíssimos, almoçar bem, num restaurante magnífico dentro de um parque, no caminho para Évian, tendo em frente Genève, com a Senhora Encarregada do nosso Consulado-Geral, que teve a gentileza de me acompanhar, François Jacob, o inteligentíssimo director da Casa Museu Voltaire, e um compatriota ilustrado, que lá trabalha e tem um nome delicioso: Flávio Borda d'Água. Fui depois visitar a Casa onde viveu Voltaire (François-Marie Arouet, dito Voltaire) no sítio chamado "Delícias", entre 1755 (ano do terramoto de Lisboa) e 1759, quando, fugindo à fúria de Calvino, que mandou queimar na praça pública o seu "ensaio sobre os costumes", se refugiou em Ferney, mesmo na fronteira com França.

A Casa das Delícias foi cuidadosamente reconstruída, mas ficou amputada do seu jardim, estilo Le Nôtre, mandado fazer por Voltaire. As exigências do imobiliário obrigam... Sobretudo porque a Casa, no tempo de Voltaire, ficava nos arredores de Genève, longe da cidade velha, do outro lado do Ródano, e hoje está no centro da cidade.

Sou, como os leitores já notaram, um grande admirador de Voltaire, apesar do seu temperamento sarcástico, interesseiro e frio, não ser do meu agrado. Mas sou, desde jovem, leitor de alguns dos seus escritos filosóficos, dos seus ensaios, como o citado, que tanto irritou Calvino, do seu Dicionário Filosófico, de algumas das suas peças de teatro e dos seus romances, como "Cândido" ou o "Ingénuo"... Voltaire foi um mestre da tolerância, um racionalista que sempre combateu o fanatismo clerical ("écraser l'infâme", como ele aconselhava), um espírito livre que abriu o caminho ao tempo novo, que viria com a grande Revolução Francesa.

Sucede que Voltaire tomou conhecimento do terramoto de Lisboa - cujas consequências terríveis para Portugal, tanto o impressionaram - cerca de um mês depois de ter ocorrido, em 1 de Novembro de 1755. Vivia então na Casa Museu que agora visitei, onde está patente uma exposição sobre o terramoto de Lisboa e as polémicas que desencadeou no mundo culto da época, a mais célebre das quais foi entre Jean Jacques Rousseau e Voltaire. Mas houve muitas outras, que repercutiram em Portugal. Por exemplo na correspondência da Marquesa de Alorna, então no convento de Chelas e seu Pai, preso no forte da Junqueira, à ordem do Marquês de Pombal, depois da tentativa de atentado a D. José, e também com a Condessa do Vimieiro, Teresa de Mello Breyner.

Voltaire escreveu um "poema sobre o desastre de Lisboa" em 1756 e depois referiu-se ao acontecimento no célebre romance "Cândido", onde fez com que o seu mestre Pangloss, que lhe pregava a doutrina cara a Leibnitz "de que vivia no melhor dos mundos possíveis" se encontrasse em Lisboa sujeito aos horrores do terramoto e do maremoto. E a questão que então se punha - e ainda agora voltou a surgir com o recente tsunami da Ásia - é perturbante: como se explica que Deus permita as catástrofes naturais que vitimam tantos inocentes? Como expiação - ou um castigo divino - contra o mal inerente à condição humana? Mas, então, porque pagam os inocentes, sem "pecados" nem consciência do mal absoluto?

A exposição sobre o terramoto de Lisboa, que ocorreu faz em Novembro 250 anos, patente na velha Casa de Voltaire, recolhe esta e outras interrogações da época, que continuam actuais. Bem como a luta intemerata de Voltaire contra os fanatismos religiosos, de sinal contrário, de que Londres nos forneceu, há dias, outro terrível exemplo. Vale a pena visitá-la e meditar nas gravuras expostas e nos documentos, alguns inéditos, fornecidos pela Fundação Gulbenkian. Suscitam reflexões da mais absoluta actualidade...

Lisboa, 12 de Julho de 2005